

O uso das cores no trabalho do estilista francês Christian Lacroix

The use of color in the work of French designer Christian Lacroix

Josivan Pereira da Silva, Cláudia Regina Garcia Vicentini

Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH - USP

Programa de Pós-graduação – Mestrado Acadêmico em Têxtil e Moda

benegate@gmail.com; claudiagarcia@usp.br

Resumo. O estudo da cor é um tema fascinante, pela atração que as cores exercem sobre a humanidade desde a antiguidade, e também pela sua aplicação nos mais diversos segmentos de atividades humanas, representando uma ferramenta poderosa para a transmissão de ideias. O objetivo principal desta pesquisa é apresentar uma análise da aplicação da cor no trabalho do estilista francês *Christian Lacroix*, e está embasada na teoria e prática do uso das cores. Debruçou-se sobre a Teoria das cores de Johannes Itten (1888-1967), professor da Bauhaus, escola de arte e design alemã. Os métodos utilizados para execução da pesquisa foram fundamentados em estudos qualitativos, alicerçados em leituras e reflexões. Este trabalho visa contribuir para o processo de criação e conseqüentemente o desenvolvimento de produto de moda. Tomando como estudo de caso, uma coleção de *Lacroix*, conhecido por composições cromáticas peculiares.

Palavras-chave: Moda. Cor. Christian Lacroix.

Abstract. *The study of color is a fascinating subject, the attraction that colors have on humanity since ancient times, and also for its application in various segments of human activities, representing a powerful tool for the transmission of ideas. The main objective of this research is to present an analysis on the application of color in the work of the French designer Christian Lacroix, and is grounded in the theory and practice of the use of colors. He leaned on the Theory of Color by Johannes Itten (1888-1967), professor at the Bauhaus school of art and German design. The methods used to conduct the research were based on qualitative studies, founded on readings and reflections. This work aims to contribute to the process of creation and therefore the development of fashion product. Taking as a case study, a collection of Lacroix, known for peculiar chromatic compositions.*

IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte

Vol. 10 no 1, Dezembro de 2018, São Paulo: Centro Universitário Senac
ISSN 1983-7836

Portal da revista IARA: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/>

E-mail: revistaiara@sp.senac.br

Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição-Não Comercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/) 

1. Introdução

Das cores utilizadas nas paredes das cavernas à criação dos sistemas que tentam organiza-las, uma longa história foi tecida. Os achados arqueológicos, embasaram os conhecimentos sobre os primórdios da utilização das cores e o entendimento de seus processos. As cores são estudadas de forma sistemática desde a antiguidade clássica (aproximadamente 492 a.C.), pelos filósofos gregos, passando por várias épocas importantes da antiguidade clássica. Platão definia a cor como propriedade da luz, enquanto Aristóteles defendia o pensamento das cores pertencentes aos objetos.

No campo das artes, Leonardo da Vinci (1452-1519) deixou sua contribuição sobre a simultaneidade estudo da cor. Pedrosa (2010, p.54) explica: "Esta descoberta revela a essência da beleza do colorido, oriunda da ação das cores umas sobre as outras, ao mesmo tempo que mostra a relatividade da aparência da cor". Estudar as cores nos leva por caminhos complexos e multidisciplinares, envolvendo vários ramos do conhecimento, podemos adotar diferentes pontos de vista, entre eles: físico, química, fisiológico e psicológico. Não é surpresa que vários estudiosos da área de cor, se dedicaram ao longo dos séculos a compreender este assunto. Diante de tantas variáveis, podemos perceber a dificuldade em se estabelecer uma direção para o estudo da Teoria das Cores.

Por exemplo, na física, a teoria da cor, está relacionada a luz, e leva em conta as experiências do físico *Isaac Newton* em 1676, que comprova experimentalmente que a luz solar branca se decompõe, nas cores do espectro, valendo-se de um prisma triangular. *Newton* desenvolve uma teoria sobre a física ótica e as cores, que Matarazzo (2010, p.48), "considera ser a primeira abordagem científica sobre o fenômeno cromático". O principal oponente do pensamento Newtoniano surgiu um século depois, e abriu caminho para uma nova forma de olhar os fenômenos da cor. A teoria de *Wolfgang von Goethe* (1749-1832) foi considerada errônea e ignorada pelos seus contemporâneos. Goethe publicou em 1810, a "Doutrina das Cores", um livro que explicava os fenômenos cromáticos de forma científica e ao mesmo tempo, colocava o escritor no patamar de exímio poeta. Sua inovação se deu na área da percepção da cor e nos fenômenos psicológicos provocados por elas. Com relação à teoria de Goethe, Barros (2009, p.269) considera que sua importância reside, no fato de que os horizontes do estudo cromático foram ampliados: "[...] a investigação de Goethe abriu novas portas para o conhecimento das cores, sugerindo um espectro interdisciplinar para diversas abordagens sobre o fenômeno cromático, ligando-o a diversas áreas do conhecimento".

Ainda no início deste século, o aparecimento da Escola *Bauhaus* (escola alemã cujo objetivo era a democratização da obra de arte por meio da sua integração com a produção industrial), fomentou novos estudos sobre as cores. Um dos seus principais estudiosos nesta escola foi: *Johannes Itten* (1888-1967). Aluno de *Goethe*, em 1961, publicou "*Kunst der Farber*" – A arte da cor, onde reúne suas experiências teóricas e práticas. Arte das cores tinha o objetivo de ajudar a todos aqueles que se interessam pelos problemas das cores.

Nasceu em *Thun*, na Suíça, em 1888. Entre 1904 e 1908 estudou em Bena para formar-se professor de ensino elementar. Em 1913, com 25 anos de idade, vai para *Stuttgard*, na Alemanha, estudar pintura. Na universidade de *Stuttgard*, frequenta as aulas de *Adolf Hörzel* (1853-1934), educador e teórico da cor, onde familiarizou-se com o assunto, ao mesmo tempo que estudou especialmente as teorias de *Goethe* e *Chevreul*, entre outros. Suas investigações conduziu a formulação da sua própria teoria. Itten seguiu para a Áustria em 1916, montou e dirigiu sua própria escola de arte em Viena. Tornou-se conhecido pelos seus métodos didáticos avançados para a época, caracterizados pela insistência na expressão individual. Em 1919, mudou-se para *Weimar* (cidade alemã), a convite de *Gropius* para lecionar na *Bauhaus* recémformada; como mestre, desenvolve o curso preliminar de cor e forma.

Desenvolveu relevante contribuições na área têxtil, a aplicação de sua teoria das cores na escola têxtil, constitui um importante elemento de seus ensinamentos. Foi diretor de *kunstgewerbeschule*¹ (1943-1954), e da escola têxtil de Zurique (1943-1960), onde deu grande importância para o ensino de sua teoria das cores e das formas. As tintas das amostras de tecido e o estudo das cores de coleções coloridas da moda requerem um conhecimento profundo da própria cores e suas leis. O autor citado acima fornece as bases que justificam as análises desenvolvidas neste artigo, por considerar que suas pesquisas são mais abrangentes; trataremos mais da sua teoria das cores mais à frente.

Podemos verificar através de rápida visão do trabalho de alguns estudiosos deste assunto, que se destacaram basicamente duas linhas de pensamento mais influentes: uma mais ligada ao fenômeno físico, que tem em Isaac Newton seu grande inspirador, e outra que analisava a subjetividade da cor e sua experiência no dia a dia das pessoas, que encontra em *Goethe* um dos mais influentes defensores. Posteriormente, já no século XX, há uma tendência de se difundir as duas linhas de pensamento. Para Cesar (1997, p.21) "Há uma busca de "receitas" de uso da cor, baseadas em novas formas de compreensão do próprio ser humano, seu comportamento, seus hábitos, influenciados em boa parte pelo grande desenvolvimento da psicologia".

¹ Eram escolas de estudos avançados de arte industrial que existiam nos países de língua alemã.
IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte - Vol. 10 no 1 – Dezembro de 2018

Acreditamos que as cores podem ser consideradas, como ferramentas primordiais no desenvolvimento de produtos no âmbito da moda, podendo transformar elementos antes comuns e monótonos, em produtos estimulantes e até porque não dizer cativantes. Quando definimos uma paleta de cores para uma coleção, temos dúvidas sobre qual a melhor forma de aplicá-la, e principalmente, que estratégias² adotar. Esta situação, leva os profissionais a praticamente anular o uso da cor ou aplica-las de forma equivocada, limitando-se a uma cartela, às vezes, pobre e desinteressante, sem mais questionamentos sobre o efeito que elas trazem para a roupa. Muitas vezes, é esquecida a sua característica mais básica, a de tornar visível a forma aos observadores, já que a cor pode evidenciar ou esconder determinados elementos de uma composição.

Assim este trabalho busca aprofundar o estudo da cor no desenvolvimento de produto da área de moda, tema que ainda demanda muita pesquisa e reflexão dada sua abrangência e importância. Deste modo buscamos compreender a relação entre cor e a moda, mais especificamente nos interessa saber como um determinado criador define suas cartelas de cores, e como estas tem um papel significativo na construção de cada coleção apresentada. Este questionamento está fundamentado no fato de que o homem utiliza a cor para seu benefício nas mais diversas etapas de sua vida cotidiana. Considerando que na moda a escolha de cores deve ser consciente e não apenas baseada em conhecimentos empíricos. Pesquisamos a relevância das cores nos processos de criação de moda, buscando contribuir com novas metodologias para sua aplicação, analisaremos as propostas convencionais do uso da cor no trabalho de *Christian Lacroix*.

2. Corpus da pesquisa

Para esta pesquisa optamos por estudar o estilista francês Christian Lacroix (1951). Nossa escolha se baseou no fato de que o criador é uma referência na utilização das cores. Sendo uma constante nas suas criações, a ousadia cromática e suas alternativas harmônicas na composição de suas criações.

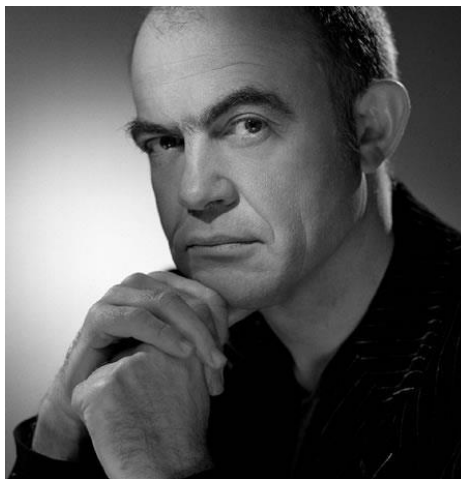
Surgiu no cenário da moda, na década de 1980 em uma época em que a alta-costura estava relegada a segundo plano, ocupou lugar de destaque, em grande parte devido as contribuições pelos seus vestidos volumosos e coloridos, com uma mistura barroca e étnica, mas também pela apurada técnica de acabamento e a nostalgia que evocava cada roupa, em meio a tanto minimalismo. Sobre suas referências e o uso das cores, Queiroz (1998, p. 46) complementa:

² Essas estratégias dizem respeito aos conhecimentos teóricos da cor adotados como ferramenta valiosa nas decisões tomadas no percurso das escolhas a serem aplicadas em um produto.

Profundo conhecedor de história e arte, [...] misturou tradição com modernidade, unindo referências do século XVIII com reminiscência dos trajes folclóricos de sua terra natal – tudo isso arrematado por pitadas de elementos típicos espanhóis. [...] as cores empregadas são as mais chamativas: laranja, vermelho, verde-limão e rosa choque, sempre em tecidos nobres, como cetim, adamacado e seda.

Lacroix nasceu em 1951, em Arles, na colorida região de Provença, sul da França. Sua cidade natal foi um dos principais centros comerciais do Império Romano, que ali deixou muitos legados. As tradições vivas, as preciosas ruínas da antiga colônia romana, sua arena alegre, sua língua orgulhosa, uma identidade singular, constituíram para o futuro estilista um patrimônio a que ele jamais deixou de se referir.

Figura 01 – Christian Lacroix



Fonte: <http://www.cristinamello.com.br/?p=2291>

Estudou arte na faculdade de *Montpellier*. Em 1973, foi para Paris para continuar os estudos. Passou a frequentar uma pós-graduação, sobre vestuário do século XVII, no Instituto de Artes, na Sorbonne. Nesta mesma instituição de ensino ele conheceu a sua esposa Françoise. Jean-Jacques Picart foi um grande incentivador de Lacroix, por sua indicação ingressou na *Hermès*³ em 1978, e em pouco tempo, tornou-se assistente do estilista da casa, *Guy Paulin*⁴, de quem tomou o gosto por elementos contemporâneos. Em 1980, colaborou como costureiro da corte Imperial do Japão.

³ Casa francesa inaugurada em 1837. No início, oferecia arreios e selas, mas logo introduziu uma linha de acessórios. Depois, passou a fazer alta-costura e prêt-à-porter. A grife é mundialmente famosa por suas bolsas, echarpes.

⁴ Estilista francês, começou sua carreira vendendo croquis para as grandes lojas de departamentos. Criava roupas práticas e contemporâneas, sem grandes exageros e trabalhava bem com tricô.

Figura 02 – Christian Lacroix, coleção de alta-costura, outono/inverno, 1987-88



Fonte: <http://www.fripperyvintage.com/christian-lacroix/>

Em 1981 *Lacroix* foi indicado a estilista da *Maison Patou*, uma das maiores de Paris. *Lacroix* operou uma renovação. Queiroz (1998, p. 48) “Nessa época, a *Maison*, que já havia sido uma das maiores de Paris, estava em baixa, fazendo uma moda muito clássica para clientes de idade. *Lacroix* operou uma renovação fenomenal”. Cinco anos depois, a casa *Patou* voltava aos dias de glória, *Lacroix* ganhou fama na altacostura. Neste mesmo ano, recebeu seu primeiro prêmio o *Dé d’Or* (Dedal de Ouro), pela melhor coleção de alta-costura do ano. Em janeiro de 1987, recebeu do CFDA, em *Nova York*, o prêmio de criador estrangeiro mais influente do ano. Neste mesmo ano *Lacroix* fundou a sua própria *Maison* situada em um imóvel do século XVIII, na rua de Faubourg Saint-Honoré, 73; associando-se a *Bernard Arnault* (importante financiador da moda). *Lacroix* recebeu convite para desenhar figurinos para a encenação na ópera de Paris. A partir de então, desenhar figurinos para óperas se tornaria uma constante em sua carreira, uma das suas grandes paixões. *Christian Lacroix* é um dos mais respeitados estilistas franceses, fazendo moda para mulheres e homens, além de uma linha de acessórios, explorou ainda outros nichos de mercado, indo das coleções de vestuário para a decoração. Embora tenha diversificado seus negócios e licenciamentos, continua sendo a alta-costura um luxo para poucos, mas que enche os olhos de muitos.

Para este estudo cromático, definiu-se que seriam registradas as cores que possuísem maior predominância na imagem, fazendo parte deste grupo, as superfícies dos tecidos, acessórios e adornos. Todos os outros elementos considerados temporários na imagem, como fundo da foto, tom de pele, tapete, cenografia, não foram considerados neste levantamento. A teoria das cores de *Johannes Itten*, serve de fundo para a confirmação deste trabalho, e têm a função de aferir os dados coletados.

As fontes de pesquisas de tais dados serão inicialmente: pesquisa exploratória e revisão bibliográfica. Buscando alcançar os objetivos propostos. No entanto, para o desenvolvimento do tema, notou-se a necessidade de se ampliar os campos de conhecimento estudados, não se restringindo às características das cores, que formaram o pano de fundo para o desenrolar da pesquisa e sustentação da base teórica referencial. O estudo averiguará as cartelas de cores utilizadas nesta coleção, tentando entender os caminhos para se chegar nestas cartelas, as estratégias para aplicação na coleção e principalmente os meios para chegar em composições tão ousadas. O estudo também averiguará o papel da cor e sua aplicação na indústria da moda e os seus processos.

4. Uma abordagem histórica da cor no vestuário

Na Pré-história a cor não tinha apenas caráter simbólico, uma vez que, as sociedades primitivas já atribuíam significados aos diferentes matizes, em virtude de suas crenças. Elas foram utilizadas para enriquecer os rituais religiosos, comemorativos e fúnebres. *Cole* (1993, p.08), em seu livro sobre este tema, esclarece quais eram os primeiros pigmentos utilizados:

[...] feitos de terras coloridas, naturalmente encontradas – giz branco, os vermelhos, marrons e amarelos dos ocres e umbres escurecidos, e o preto da

madeira carbonizada. Tinturas de animais e plantas foram logo exploradas, ao contrário das cores brilhantes e douradas dos minerais.

Esses pigmentos, na maioria das vezes, eram obtidos de modo precário. Durante séculos, a roupa cumpriu, basicamente, as funções de proteger o corpo do frio e de diferenciar as classes sociais. Os animais foram mais afortunados, já que a natureza os dera proteção natural e o homem primitivo logo percebeu que podia caça-lo e abatê-los não só pela carne, mas também por suas peles. É bem provável que antes do domínio das técnicas de tingimento exploradas mais amplamente em momentos posteriores, a cor empregada correspondia aquelas encontradas nos próprios materiais do entorno, por exemplo: os

padrões do couro, das folhagens, da madeira e na arquitetura o uso dos materiais naturais, como pedra, argila, carvão, entre outros, conferia cor as suas superfícies, devemos entender que na indumentária não foi diferente.

O homem se valia dos corantes de origem mineral, animal e vegetal. Usavam para seu próprio adorno, para decorar objetos e utensílios, fazer pinturas e principalmente, tingir fios e tecidos; para preparar as tintas os pigmentos eram moídos. Desde as primeiras manifestações humanas até os dias atuais, o homem descobriu e manipulou a cor, e em crescente sentido evolutivo, tornou-se um meio de projeção de sentimentos, conhecimentos, magia e encantamento. A maneira como reagimos a elas está relacionada com fatores físicos, químicos, fisiológicos, psicológicos, bem como linguísticos e filosóficos. A cor é um elemento determinante para distinguir épocas diferentes da indumentária, mostra a evolução e as mudanças, e as vezes define o estilo e gosto de uma época, ou seja, reflete o que somos e a época em que vivemos. As possibilidades cromáticas se ampliaram notadamente a mediada que a tecnologia, indústria, cultura e sociedade foram evoluído.

As cores vivas foram um privilégio, somente das classes superiores, pelo alto custo e dificuldade do processo de tingimento. Braga (2005, p. 17) completa: "É o caso da cor púrpura, na Roma antiga, que somente os imperadores podiam usar por ser símbolo de poder e prestígio." Podemos justificar que as cores eram valiosíssimas e protegidas por lei, porque o processo de produção de um traje era muito dispendioso, a cor e a sua fixação era extremamente difícil de se obter. Tanto na antiguidade quanto no período medieval, pelas diferentes tinturas, eram feitas as distinções das classes sociais. As riquezas dos coloridos das roupas na época fizeram aumentar o uso dos corantes, introduzidos pelo desenvolvimento do comércio, e vindos de outras regiões.

Em virtude dos altos preço dos corantes, frequentemente os tintureiros os substituíam por outros, extraídos de plantas locais. As cinzas obtidas pela queima de diversas árvores, eram utilizadas na tintura e na lavagem dos tecidos, agindo como fixador; *Pezollo* (2007, p. 166), afirma que: "A garança (vermelho) e o pastel (diversos tons de azul) foram os dois principais corantes usados na Idade Média. [...] também se utilizava o quermes dos tintureiros, semelhantes à cochonilha, que igualmente resulta numa tintura vermelha, e a gauda (tonalidade verde-amarelada)".

As técnicas de tintura sempre foram muito mais desenvolvidas entre as civilizações orientais, com a descoberta do caminho marítimo para as Índias no século XV, teve início uma nova época na história da cor. Alguns acontecimentos foram importantes para o desenvolvimento do setor. Entre eles, o uso de corantes inéditos, motivados pela descoberta das américas, e a exploração do pau-brasil, nas florestas da América do Sul, cujas exportações se tornaram bastante rentáveis. O novo continente fornecia, ainda, outros colorantes, como a madeira amarela e a cochonilha. Durante séculos, a operação de dar cor para a roupa foi um processo extremamente caro. O uso da cor na indumentária foi utilizado pela aristocracia e realeza, permanecendo a maioria das roupas da classe comuns em branco. Sobre as cores neste período Alison Cole escreveu o seguinte texto:

Durante o período do início da Renascença (séculos XIV e XV) as cores eram consideradas dentro de uma hierarquia simbólica. A sua importância era ditada pelo valor e pelo *status* "divino", em acordo com os matizes brilhantes e puros.

Isso era uma continuação da ideia de um reflexo da beleza da criação de Deus, enquanto cores misturadas e escuras eram consideradas "corrompidas". Além disso, as cores eram usadas ao sabor da moda e em acordo com as convenções das histórias contadas naquela época.

Os santos, por exemplo, eram frequentemente identificados pelas cores dos seus mantos, enquanto outros significados poderiam ser entendidos pela maneira como a cor era usada no contexto. (COLE, 1993, p. 15).

O século XVII, a França começa a se impor como ditadora da moda, com o enorme privilégio da corte de Versalhes. Daí em diante cores elegantes, pelo menos para as classes altas, seriam aquelas ditadas pelos franceses. Os progressos técnicos foram anunciados pela Inglaterra, impulsionando o nascimento da indústria têxtil moderna." (PEZZOLO, 2007, p. 20). Dos naturais aos sintéticos, com o desenvolvimento da indústria têxtil, o aprimoramento das técnicas e a concorrência decorrente do progresso, os processos de tingimento foram sendo atualizados.

Mudança importante século XX, é o fato de que a moda da rua emprestou sua influência aos modismos que a adotaram. Deste modo surgem novos estilos, agora as tendências se movimentam em ambas as direções e influência assim os consumidores em todas as escalas. Já no final deste século, as modas com as marcas de importantes estilistas internacionais não se restringiram aos poucos ricos, como havia sido no início do século, mas tornaram-se disponíveis para uma ampla parcela da sociedade.

Vale destacar no campo da moda a contribuição de *Sonia Delaunay* (1885-1979), como artista e designer moderna, trabalhou com pintura, moda, estamparia têxtil, figurino, cenografia, design e interiores. Além projetar móveis, livros e lâmpadas, desenhou vestuário para o uso diário utilizando muita cor, como em suas pinturas. Foi a designer que melhor representou a relação entre arte e têxteis até aquele momento. Nascida na Rússia, estudou arte em São Petersburgo e, mais tarde, se mudou pra Paris onde conheceu o pintor *Robert Delaunay*, com quem teve uma forte parceria profissional (e pessoal, já que eles se casaram depois).

Figura 04 – Desenhos de Sonia Delaunay



Fonte: <http://www.moderncolorist.com/featured/motivational-mondays-soniadelaunay/>

A Guerra refletiu em muitas áreas, incluindo o vestuário, trazendo uma combinação de exotismo e modernidade, combinaram tecidos, peles e plumas em uma mesma peça. As mulheres adotaram o preto para quase todas as ocasiões e as roupas ficaram mais simples já que elas começavam a trabalhar fora. Sobre o uso do preto no trabalho de Chanel, *Mendes e Hays* (2003, p.65), afirmam: "Em 1926, com o lançamento de seu lendário "pretinho", Chanel promoveu o negro como a cor que podia ser explorada puramente pela sua elegância e capacidade de "cair bem". Chanel endossava a validade do preto na moda. Foi ela quem popularizou o "pretinho". Movendo-se para a década os anos oitenta, observou-se que a atmosfera de forma foi principalmente influenciada pela cena musical. Novos estilos são destacados, e a cor mais usada era negro, representando um protesto a ordem local.

O estilista francês *Christian Lacroix*. Queiroz (1998, p.46), observou: "As cores empregadas são as mais chamativas: laranja, vermelho, verde-limão e rosa choque, sempre em tecidos nobres".

Figura 05 – Croquis de Lacroix



Fonte: <http://www.wallpaper.com/fashion/christian-lacroix-exhibition-singapore>

No início dos anos 90, a medida que as barreiras sociais e sexuais se tronaram indistintas, o azul do jeans era a peça que melhor representava o momento histórico. Sobre os rumos desta década, *Pezzolo* (2007, p.268), afirma: "Cartelas de cores reeditadas, novas matérias-primas e novidades em fios e tecelagem se oferecem aos criadores, que sonham, pesquisam, manipulam e finalmente lançam suas ideias para o mundo. Com a chegada do novo século, o minimalismo, surge como uma tendência, e com ele uma cartela acromática, como: branco, preto, cinza, bege e marrons. As mulheres de negócio vestidas com cores sóbrias e simples, traduzindo um estilo de vida que preza pela simplicidade. Algumas empresas de moda têm gamas de cores que se tornaram a sua assinatura, pense em tons neutros e mais suaves da *Calvin Klein* (ver figura 06).

Figura 06 – Calvin Klein – Explora amplamente o branco e o preto, gerando uma sensação simplicidade



Fonte: <http://www.blogviacondotti.com.br/2013/12/grandes-marcas-e-as-cores-queas.html>

A cor e os padrões estampados desempenham também um papel importante. Algumas marcas se destacaram por adotar composições mais cromáticas, criando assim uma linguagem visual que está ligada a harmonia das cores, mas outros seguem as tendências de cores sazonais.

Os legados históricos, nos fornecem a possibilidade de efetuar leituras interpretativas sobre a indumentária, compreendendo a sua trajetória evolutiva. As cores deixaram de ser apenas um signo de distinção social como no passado, assumindo o papel de importante ferramenta para a indústria do vestuário. Este breve histórico demonstra a evolução do uso das cores na indústria da moda ao longo dos tempos. Ampliou-se a necessidade de maior entendimento e padronização, tornando-a atuante em setores de embalagem, vestuário, arquitetura, mobiliário. No âmbito da moda devemos considerar não apenas as questões técnicas, mas também as subjetivas. Explorando assim novas metodologias.

5. Sobre a Teoria das cores de Johannes Itten

O ensino das cores de Itten recebe uma introdução sobre a natureza física da cor, entendida como onda de luz (comprimento de ondas). Descreve as conhecidas experiências de Newton, comentando refração, decomposição da luz branca e distinguindo a mistura de luz (mistura aditiva) de mistura de pigmento (mistura subtrativa).

Sobre a luz *Itten* (1992, p.17), esclarece: *“Cada color del espectro pose uma longitude de onda específica; la indicación de su longitude de onda o del número de vibraciones permite determinarlo com exactitud. Las ondas luminosas son em si incoloras. El color nace unicamente em nuestro cérebro”*.

Itten chama de agente da cor o colorante (pigmento). No entanto, alerta-nos para o fato de que tal agente não é o principal determinante da cor que enxergamos, pois essa só adquire significado e conteúdo pela percepção humana – óptica e cerebral, na qual a intensificação dos contrastes tem um papel preponderante.

Assim *Itten* distingue efeito cromático de agente cromático. Efeito cromático é o efeito que a cor tem em nós; é a realidade psicofisiológica da nossa percepção. Ao passo que, como vimos, quando se refere ao agente cromático está se reportando à constituição do pigmento, ou seja, à sua realidade físico-química. *Itten* procura conscientizar seus alunos das variações que uma mesma cor pode apresentar ao ser contrastada com outras cores, mudando, muitas vezes drasticamente, a sua percepção. Por exemplo: um quadrado cinza claro parece mais escuro num fundo preto do que no branco.

Para qualificação das cores, três são os aspectos considerados: **matiz; saturação e luminosidade**.

Matiz é o posicionamento da cor no espectro. O comprimento de onda é a qualidade característica pela qual uma cor é distinguida. Saturação é o quão puro é o tom; Já a Luminosidade é a quantidade de branco, preto ou cinza em um determinado tom.

Abaixo o disco de *Itten* de 12 cores opacas. Composto pela mistura das primárias: amarelo, Vermelho e azul, que originam as secundárias laranja, verde e roxo, a mistura de uma cor primária mais uma secundária dá origem as terciárias.

Figura 07 – Decomposição da luz solar nas cores do espectro



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Johannes_Itten

Para Itten, há basicamente sete tipos de contrastes:

1. Contraste de matiz;
2. Contraste de claro-escuro;
3. Contraste de quente e frio;
4. Contraste entre complementares;
5. Contraste de saturação;
6. Contraste simultâneos;
7. Contrastes de extensão;

Contraste de Matizes – é o mais simples. É representado com as cores na sua mais intensa luminosidade. Normalmente quando as cores são colocadas ao lado do branco elas enfraquecem em luminosidade, enquanto o preto as torna mais luminosa. Esta é uma poderosa arma na composição de cores.

Contraste de claro-escuro ou de luminosidade – dia e noite, luz e escuridão, esta é a propriedade de fundamental importância para o homem e para a natureza em geral. Pequena variação de sombras sobre uma superfície pode enfraquece-la. O cinza, neutro, é caracteristicamente indiferente, cor acromática, muito influenciável pelos contrastes de matiz e luminosidade.

Contraste de quente e frio – identificamos a sensação de temperatura numa sensação cromática. Além disso efetivamente conseguimos medir a temperatura numa superfície vermelha e azul, no primeiro caso ela é mais alta.

Contraste de complementares – Estão em lados opostos no disco cromático, são duas cores que somadas dão o cinza. Nos pares de complementares sempre há as três cores primárias: amarelo, azul e vermelho.

Contraste simultâneos – resulta do fato de que o olho diante de qualquer cor requer a complementar e a produz instantaneamente quando ela não está presente. Isso ocorre como uma sensação e não como objetivamente presente. Não pode ser fotografado.

Contraste de saturação – é o contraste entre cores puras, intensas e sem brilho, cores diluídas. A cor pode ser diluída com branco e preto, ou cinza. Pode-se obter tons com igual, maior ou menor grau de luminosidade porem com certeza, menos intensa.

Contraste de extensão – envolve áreas relativas de duas ou mais cores. É o contraste de muito ou de pouco, do grande e do pequeno.

7. Sobre a coleção analisada – outono-inverno 2008.

Para esta coleção de outono/inverno *Lacroix* utilizou seu exotismo e cores para alegrar as estações mais frias. Com uso de cetins, seda, muita renda e detalhes de pele, o criador francês conseguiu mostrar naquela estação um misto de elegância e requinte. Os volumes e aplicações, aliados aos casaquinhos fizeram combinação relevantes. Os acessórios em cores neutras deram a coleção um ar de mistério.

Figura 08 – Coleção outono/inverno 2008 - 23



Fonte:<http://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2008-couture/christianlacroix/slideshow/collection#23>

Figura 09 – Coleção outono/inverno 2008 - 24



Fonte:<http://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2008-couture/christianlacroix/slideshow/collection#24>

Figura 10 – Coleção outono/inverno 2008 – 26



Fonte:<http://www.vogue.com/fashion-shows/fall-2008-couture/christianlacroix/slideshow/collection#26>

8. Conclusão

Lacroix é um estilista com um senso compositivo de dar inveja; tanto as formas como as cores chamam a atenção por conta da ousadia e exotismo das suas combinações. Adotamos para análise três *looks* da coleção de outono/inverno-2008, e as escolhas se deram nos visuais mais cromáticos.

Temos que considerar que o conjunto da obra apresentava muito preto, cores saturadas e quentes; das quais vermelho, magenta, amarelo, e poucos detalhes de verde e azul, as duas últimas aparecem apenas em estampas, sem outros matizes para concorrer com os seus efeitos.

Superficialmente percebemos que além do predomínio do preto, as cores são muito vibrantes, ou seja, mais saturadas e o preto evidencia ainda mais o efeito destas, já que os matizes sobre o preto ficam mais intensos, conforme cita Johannes Itten no tópico anterior. As diferentes luminosidades nos acessórios, cria os contrastes necessários para que os detalhes apareçam.

Lacroix empiricamente utiliza a teoria das cores de Itten; explorando o contraste simultâneo entre o preto e os matizes adjacentes, o claro-escuro e também o contraste de extensão, onde percebemos o jogo de proporções entre as cores. Apesar do contraste de complementares ser muito explorado nas coleções do estilista, não vemos registros nos *looks* selecionados.

Lacroix escolhe as cores como um mestre, essa sempre foi uma referência no seu trabalho. Adota-las como ferramenta de valorização das roupas é uma tarefa difícil e observar as estratégias cromáticas do criador francês, passa a ser um exercício indicado a todos que trabalham no desenvolvimento de produto de moda. Bem como entender como estas escolhas se dão e as referências embutidas no seu processo criativo.

Referências

Cesar, João Carlos de Oliveira. **O uso da cor na arquitetura de interiores**. São Paulo: FAU USP, 1997.

Cole, Alison. **Cor – O guia visual essencial à arte da cor, desde a pintura na Renascença até os meios modernos atuais**. São Paulo: Editora Manole Ltda, 1994.

Baudot, François. **Christian Lacroix – universo da moda**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.

Itten, Johannes. **Arte del color – aproximación subjetiva y descripción objetiva del arte**. Paris: Editorial Bouret, 1960.

Pedrosa, Israel. **Da cor a cor inexistente**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1989.

Pezzolo, Dinah Bueno. **Tecidos: história, trama, tipos e usos**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

Matarazzo, Anne Ketherine Zanetti. **Composições cromáticas no ambiente hospitalar: estudos de novas abordagens**. São Paulo: FAU USP, 2010.

Queiroz, Fernanda Necher de. **Os estilistas: Callot; Norell; Balmain; Quant; Halston; Gautier; Lacroix**. São Paulo: SENAI CETVEST, 1998.

Mauriès, Patrick, **Christian Lacroix the diary of a collection**, New York: Simon & Schuster editions, 1997.